

Prémio Universidade de Coimbra – Almeida Faria

Quando Almeida Faria publicou o seu primeiro romance, soubemos logo estar perante uma obra que iria marcar fortemente o panorama literário português contemporâneo. Em *Rumor Branco*, encontramos, em esboço, tudo o que virá a ser o génio de uma escrita, e assistimos, de facto, ao aparecimento de um escritor. Há quase 50 anos que, de título em título, acolhemos as obras do autor com a mais viva curiosidade, esperando do seu mundo romanesco que nos surpreenda e nos abale e, ao mesmo tempo, nos traga um imaginário que nos é já familiar.

Mas, e a despeito das importantes distinções de que a sua obra foi objecto em Portugal, ela mantém-se curiosamente (ou talvez não!) num círculo algo selectivo de leitura e a fama deste grande escritor parece, ainda hoje, mais fortemente estabelecida no estrangeiro do que entre nós: traduzidos em várias dezenas de línguas, os seus textos literários, sobre os quais foi realizado um grande número de estudos críticos e de trabalhos universitários (sobretudo) em instituições estrangeiras, permanecem ainda pouco conhecidos no país de que são inseparáveis, pela íntima ligação que estabelecem com a sua história, a sua alma e os seus mitos.

Talento singularmente precoce, Almeida Faria é saudado pelo Prémio Revelação em 1962 com esse seu primeiro romance (publicado com 19 anos de idade) escrito com a audácia que caracteriza a estética do “novo romance”, de que foi um dos primeiros cultores na ficção nacional, e no qual Óscar Lopes viu uma promessa “sobejamente confirmada”. Em ruptura com o neo-realismo dos seus antecessores, o jovem AF não hesita, três anos mais tarde, em retomar uma matéria idêntica que elabora em *A Paixão*, romance polifónico de uma família alentejana patriarcal entregue aos delírios anunciadores de tempos novos. E é, pelo menos numa primeira e longa fase da sua escrita ficcional, o destino deste pequeno círculo de personagens que quis representar ao longo da sua *Trilogia Lusitana*, mais tarde transformada em *Tetralogia* onde a saga familiar se transforma em epopeia nacional reflexiva e irónica. Em prosa ou em verso, no romance como no teatro, se construiu, nas mãos de um virtuoso da nossa língua, um universo ao mesmo tempo concêntrico e aberto, lírico e satírico, à imagem da nossa história dividida entre a nostalgia de uma idade de ouro e as peripécias trágico-cómicas da diáspora.

Com o seu romance *A Paixão*, publicado em 1965, inaugura assim Almeida Faria um universo de personagens e conflitos, num Portugal que antecede a Revolução, e com ele inicia o que virá a ser uma tetralogia – prosseguida com *Cortes* (1978), *Lusitânia* (1980) e *Cavaleiro Andante* (1983) – onde retoma a saga da família do Alentejo, em contextos históricos e políticos marcados pela evolução da realidade portuguesa do pós-25 de Abril. De romance em romance – e através de diversos procedimentos de escrita e de composição –, assistimos ao evoluir de um grupo de figuras que entre si tecem laços onde se reflectem posturas e atitudes políticas, estéticas e filosóficas de diferente valência. Neste percurso, algumas delas desaparecem, outras modificam pontos de vista e comportamentos, outras ainda solidificam opções de vida, convicções humanas ou ideológicas.

Depois de um interregno (apesar do polémico e controverso *Conquistador* de 1990 leitura crítica e irónica daquela manhã de nevoeiro do nosso eterno sebastianismo), regressa Almeida Faria à escrita, e com ela à casa de lavradores do Alentejo já nossa conhecida, na mesma manhã, tarde e noite de sexta-feira santa, ou de paixão. A família está de novo reunida (e de novo completa) em torno das mesmas imagens e dos mesmos símbolos: um cordeiro imolado por João Carlos (JC), um fogo posto na herdade dos Cantares e uma refeição, a Última Ceia que antecede a morte simbólica de um “tempo já morto e parado”, morte necessária à ressurreição anunciada. Sexta-feira santa que assim escorre, igual à outra sexta-feira santa de há quase quarenta anos, imóvel num tempo que “dói no olhar e na memória.”

Neste texto, agora intitulado *A Reviravolta*, resposta à iniciativa da Editorial Caminho que publica, em Abril de 1999, uma colecção de textos de ficção que, directa ou indirectamente, têm como tema o 25 de Abril de 1974 -, tudo reencontramos e tudo nos é familiar: seres e sentidos, espaços, actos e palavras.

E esta revisitação – que possui aliás o encanto de um encontro inesperado com um amigo de infância - inscreve-se, entre reconhecimento e descoberta, numa postura autoral de recuperação, “de reencarnações sucessivamente renováveis”. Diz-nos o autor: “Enquanto cúmplice guardador destas figuras, fechei-as durante anos à chave no sótão do passado e, julgando que as esquecera, andei por outras paragens. Mas a minha ilusão de esquecer-las era ingénua; porque, na sua persistência, elas é que não se esqueceram de mim. Inconformadas com o limbo a que se viram remetidas, nunca pararam de suspirar,

de murmurar, de ciciar, de sussurrar-me os seus anseios e pavores e uma vontade desesperada de se agarrarem à sua vida de máscaras.”

Em claro efeito de ressonância, manifesta Almeida Faria o desejo de ultrapassar os limites do contado, de passar além do imaginário, de negar à ficção o seu estatuto de coisa inventada e às personagens que a povoam (e que ganharam vida própria) o de “seres de papel”. Ao mesmo tempo que, como um eco infinitamente repetido, a escrita assume aqui o modo de “um insistente retomar dos mesmos temas (...) ruminados”, nela fazendo convergir marcas e sinais que tornam reconhecível o universo deste escritor, inscrevendo-o mais uma vez nessa palavra fecunda que diz, em simultâneo, o onírico e o realista, o imaginário e o especulativo, o objecto e a ideia, a presença e a ausência das coisas, recortada numa intertextualidade também ela familiar ao seu leitor.

A par desta lógica de continuidade ficcional, uma outra obsessão habita Almeida Faria e guia a sua obra para um inevitável diálogo com a imagem e o seu misterioso poder de acesso à alma humana. Mário Botas é aqui o *mediador* de uma escrita que se olha agora no espelho dos traços e dos desenhos que são revelação do imaginário que o hieróglifo da palavra estende na folha branca de papel. Desde o ensaio de 1988 sobre Mário Botas, *Do Poeta-Pintor ao Pintor-Poeta*, até *Os Passeios do Sonhador Solitário* (1982), exercício requintado sobre a figura de Jean-Jacques Rousseau, “a partir da “mise au tombeau” de Mário Botas, Almeida Faria perfaz esta nova trilogia com *Vanitas*, retrato ficcional de Calouste Gulbenkian e da sua relação de coleccionador com as suas obras de arte, em conto “iluminado” pelo tríptico de Paula Rego, “reflexão visual acerca do próprio conceito de *vanitas* enquanto precariedade da nossa frágil existência humana”.

Aluno (no Liceu) e discípulo (em Literatura) de Vergílio Ferreira, com ele partilha uma dupla vocação entre a arte de escrever e a de especular, como demonstra a sua carreira de escritor e de professor universitário, não sendo a segunda senão fundamento e alavanca da primeira. Aliás, os longos anos consagrados, no âmbito universitário, ao ensino da filosofia favoreceram o amadurecimento do intelectual vanguardista e poliglota que, através de múltiplas e assíduas leituras, se munuiu de uma imensa cultura que nele moldou tanto o humanista europeu particularmente atento ao cruzamento das artes, quanto o pensador da contemporaneidade global. Também o vasto conhecimento da área científica da estética e da história e psicologia da arte fecunda o seu olhar poético sobre o mundo e sobre os seres a que empresta vida.

Escritor, homem de cultura, filósofo, crítico de arte, Almeida Faria reúne em si todos os talentos de um verdadeiro pensador do mundo português e da nossa época. De facto, ninguém como Almeida Faria, profundo conhecedor da nossa história, dos grandes e pequenos momentos que foram guiando a nossa imagem, soube pensar Portugal, recriando-o pela palavra: o país que somos e construímos nas últimas 4 décadas, criticamente revisitado e lido à luz de mitos e de símbolos que configuram de forma indelével uma identidade nacional, encontra na sua obra a sua expressão mais lúcida e mais sensível. O espírito de revolução social e política, a substância cultural e literária, o peso de uma tradição judaico-cristã, o motivo fundacional do sentido de aventura e de achamento a par da desesperança nostálgica de uma grandeza perdida são aqui restituídos no tom justo e lúcido de um amor sem pieguice nem condescendência.

É inquestionável que o acto de ficcionar é nele inseparável do de pensar: e é por isso que a fantasia dos seus romances, na pureza de uma língua literária que o trabalho da escrita eleva à categoria de arte, recria a imagem de um país de corpo inteiro, na turbulência de uma época feita de contradições e de ambiguidades.

Criador sujeito a todas as violências dionisíacas do inconsciente, crítico vigilante, dolorosamente obcecado pela perfeição formal e pela clareza racional, Almeida Faria pertence a uma rara categoria de escritores menos feitos para satisfazer os apetites do grande público e a voracidade fugaz da mediatização do que para tocar os leitores mais exigentes e ainda sensíveis à grandeza da Literatura.

A sua obra de ensaísta, romancista e dramaturgo, rigorosa no modo de conceptualizar a vivência humana e de problematizar a História, assente na conciliação do lógico e do sensível, da vivacidade intelectual e da ponderação reflexiva, da matéria e da transcendência, ocupa um lugar ímpar no panorama literário português contemporâneo e merece o reconhecimento de uma instituição que, como a Universidade de Coimbra, premeia o valor do espírito crítico, da excelência e da criatividade artística.

Cristina Robalo Cordeiro

1 de Março de 2010